

A unidade de um mundo

# Purificar as raízes de língua portuguesa

■ MARQUES GASTÃO

Andávamos longe do 25 de Abril e já eu, ai pelos anos 50, me debruçava na Imprensa e em livro sobre o tema da purificação da língua portuguesa, tema aliciente e fundamental no plano das relações luso-brasileiras e, da comunhão fraterna com os antigos territórios portugueses de África e da Ásia.

Somos, sempre fomos, um País pequeno, com uma densidade populacional baixíssima, para os grandes cometimentos universais. Uma pequena Nação multiplicou-se na devassa dos continentes, nas descobertas de povos e de nações, onde levámos, por entre a força dos nossos soldados, a bravura dos nossos marinheiros, a fé dos nossos missionários, o saber e a cultura dos nossos homens de saber. Não é preciso citá-los. Todos nós os conhecemos e entre eles a humildade criadora dos Santos, que espalharam a Fé e a Caridade, por entre o saber e a cultura, a despeito de erros e injustiças, como as de Pombal, cujo perfil Camilo tão admiravelmente traçou, como um marco psicológico do grande político de D. José e que Bana de Andrada escalpelizou em algumas das suas obras mestras.

Eu próprio, na modéstia do jornalista e do escritor que então começara, me desloquei ao Brasil, onde realizei importante inquérito ao redor do Acordo Ortográfico de 33 e 45, escutando as palavras sensatas de grandes filósofos, escritores e políticos responsáveis pelos pareceres que então se debateram na Câmara dos Deputados do Brasil e nas duas Academias, a Portuguesa e a Brasileira. Entretanto, relembra-se a nossa presença em terras distantes da Malásia, na Tailândia, no Japão e, até, na China, sem esquecer o Brasil e alguns países latino-americanos, como o Peru, a Venezuela, o México, o Uruguai e a Argentina, onde os núcleos das gerações mais novas e sem esquecer os Estados Unidos, sobretudo na Nova Inglaterra, procuravam e demonstravam o seu interesse pela língua dos seus antepassados.

No meu longo viajar pelo

mundo, vi igrejas portuguesas, nomes de portugueses, uns sacerdotes, outros arquitectos, não apenas no Brasil, como em Nova Bedford e Rhod Island, em S. Diego e na Califórnia, como no Peru e no Equador e nesse distante e saudoso México, que Cortez ocupou, levando consigo muitos portugueses que, a seu lado, combateram, viveram e morreram, nias cujos nomes ficaram imortalizados nas Cartas da Relação do grande navegador e guerreiro, como Pizarro, no Peru, onde vimos em Lima, que me recorde, uma igreja construída por um frade arquitecto português, creio que franciscano.

No Brasil abordei intelectuais como Manuel Bandeira e Menotti del Picchia, Álvaro Lins e Gilberto Freyre, Olegário Martins, esse magnífico poeta, Cecília Meireles, Lucia Miguel Pereira, Zé Lins do Rego e Erico Veríssimo, Pedro Boch e Marques Rebelo, Viana Moog e Austregésilo de Athayde, como Getúlio Vargas e Café Filho, Simões Filho e Gustavo Capanema, Serafim da Silva Neto, Anterior Nascentes e Sá Nunes. Foi total a unanimidade na conservação da língua portuguesa, respeitando-se embora certas diferenças, das quais não vinha mal ao mundo. A nossa língua é das mais belas e das mais ricas, variada e diversificada, latina nas suas origens e transplantada para terras hoje crismadas de novos Estados africanos de língua portuguesa. Ouvi, frente a frente, homens como Juhan Husley, então director-geral da Unesco, que entrevistei, defender a nossa presença naquela organização e falar-me no valor e expansão da língua portuguesa, como ouvi Marc Henri, da Organização Mundial de Saúde, exaltar a nossa acção em África, como escutei a Norris Dodd, presidente da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, a exaltação da história do mundo português e o significado da nossa língua, a par do nosso contributo, naquela organização, através do dr. Sousa da Câmara, meu querido amigo de muitos anos.

A nossa acção em África, com erros ou sem eles, tem de

ser completada pelo Estado. Mesmo com sacrifícios. E o Governo do prof. Cavaco Silva, homem de saber e dinamismo e defensor incansável dos altos valores do Espírito, ainda recentemente deu um passo em frente na valorização de uma acção que exalta a nossa acção dos Descobrimientos.

Fala-se o português na Guiné e em Cabo Verde, como em Angola e Moçambique, Macau e Timor. A despeito de insuficiências nossas, resultantes da nossa pequenez física e a pouca densidade populacional, a despeito de tudo isso, fizemos o que outros povos, maiores e com mais recursos, não conseguiram. Disseram-nos homens como o prof. Grafi Jonhson,



Gilberto Freyre

da Universidade de Acra, no Ghana, no seu livro «As civilizações dispersas pelo mundo», ou até o mercador florentino Carletti, na sua obra «Viagem em torno do mundo». Educámos povos e ensinámos-lhes inclusivamente qual o valor da liberdade. Expandimo-los e educamo-los, chamámo-los para a civilização do homem branco e entrelámo-los com a nossa, como muito bem o disseram Gilberto Freyre, nas suas obras de grande sábio, ou Viana Moog, na sua obra «Pioneiros e Bandeiras».

Hoje, mais do que nunca, o saber e a cultura estão ligados à

política — e esta tem de ceder a partidarismos intencionais para salvaguardar um património cultural tão rico como é o da língua portuguesa, espalhada pelo mundo. De resto, os povos africanos de língua ou expressão portuguesa entendem-no assim, de tal modo que têm defendido inclusivamente a utilização da língua portuguesa em reuniões internacionais. A língua que todos nós falamos, portugueses de Portugal ou africanos de língua portuguesa, é um elo que une esses povos, muitos deles separados por etnias tribais e que só se entendem através da língua portuguesa.

Temos de fazer um esforço, sem ressentimentos nem despeitos. A unidade do Mundo Português não se realiza sem esses povos ou essas Nações. Realiza-se no dar-se as mãos, no respeito de cada um por cada qual. O negro que fala português é um homem livre, torna-se igual ao português branco.

Mas importa-nos uma acção viva e actuante, para não nos deixarmos ultrapassar pela língua francesa ou pela língua inglesa. O escritor, o intelectual, lado a lado com o político, independentemente das ideologias que professem, têm o dever de se darem as mãos e ajudar os seus irmãos negros, mandando-lhes livros de estudo e de cultura, de ciência e de arte, através do Estado, como o tem vindo a fazer, num plano bem ordenado, a Fundação Gulbenkian. Mas cabe ao Estado uma acção mais forte e mais viva, uma acção vivificadora de um caminho de valorização da palavra de Camões e de Bernardes, de Fernando Mendes Pinto, como do Padre António Vieira ou São João de Brito. Espalhar a cultura portuguesa, como Santo António espalhava a Fé, através dos seus Sermões, ou como a espalhou Camões, n'«Os Lusíadas», ou Perez Vaz de Caminha, na sua «Carta do Descobrimto do Brasil», para contar às populações negras dos povos negros de expressão portuguesa o que tem sido, anos fora, a História, a Cultura e a Civilização Portuguesas.

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----